

VENHA AO FARAÓ EM TI MESMO

Benjamin Mandelbaum 10/01/2003

No ritual do Shabat consagramos a Criação Divina do mundo e a sacralização do sétimo dia e a seguir a libertação da escravidão do Egito, a terra da estreiteza, da angústia. Da Gênese do Mundo e sua descendência à Gênese do povo que se integra em um projeto libertário. Na Torá, Êxodo começa relatando o final de Gênese, com a herança dos 12 filhos de Jacó-Israel, mostrando a súbita passagem do esquecimento da gratidão aos feitos de José, pelo Faraó, que não o conheceu. Mas, sobretudo como este ingrato esquecimento é substituído pelo medo, o pavor de uma possível aliança com exércitos estrangeiros invasores ao Egito e o conseqüente ódio defensivo deste ataque paranóico com o decreto da escravização da descendência israelita.

Moisés, o tirado das águas e que depois a tira das pedras, é nosso símbolo arquetípico da emotividade, recebe a mensagem divina, no fogo que não se consome, com a orientação da libertação de seu povo pelo D'S inominável, Aquele que Será Sendo o que Será Sendo. Indo até o Faraó com o pedido de 3 dias para ritualizar Àquele D'S. O pedido não só é negado mas o povo é punido com o agravamento dos seus trabalhos ao que se segue as 10 pragas, com jogos de diferenciações entre magias e milagres com barganhas de negociações, até mesmo de pedidos de rezar Àquele desconhecido D'S por êle Faraó, passando por pseudo permissões de saídas parciais de alguns mas não de todos e de irem mas não longe, mas que mesmo assim não são nunca cumpridas.

Fazer o Tour da Torá, sua profunda etimologia, é ir além do aparente até o oculto pesquisando do 'apesar de' indo além do 'justo por', pela própria inacessibilidade infável de D'S. Aqui em Bó aparece um dos mais controversos textos onde D'S diz que endurecerá o coração do Faraó para nele realizar seus milagres. Foi aqui que briguei pela Segunda vez com Ele, afinal por que não ia direto ao ponto fazendo milagres apoteóticos radicais. A primeira briga era mais infantil tinha sido por ter perdido num jogo de bola de gude, mas aqui julgava eu era mais lógico e coerente, é a questão permanente da necessidade do mal. Por que o Mal? Longe de mim elucidar tal tema tão complexo, sequer entender os fabulosos desígnios de D'S. Diz-se que Ele escreve certo por linhas tortas, mas não será nós os caolhos? Ou que na vesguice de nossa natureza dual é assim que podemos vislumbrar a luz do Real, pois sem a sombra ela não pode ser vista. A Cabalá diz do Tzim-Tzum a grande retração de D'S que cria o Nada, o primeiro véu do Grande Imanifesto, para que nesse vazio possa surgir o Infinito e nele a Luz infinita. O mal revelando o bem não o exclui nem o anula, mas o possibilita de ser desvelado e reconhecido. Reconhecimento que só se dá posteriormente, tal como o arrependimento da Teshuvá que nos faz retornar do caminho desviado. É a doença que nos trás a consciência da saúde e que nos dá motivação de pesquisar e conhecer melhor a nossa natureza humana. Depois do nariz entupir sabemos da liberdade de respirar. O Cabo das Tormentas vira da Boa Esperança quando se o atravessa. Há uma positividade na falta. Quando D'S falta endurece o nosso coração e tem-se espaço para as suas maravilhas, como o nariz que desentope e depois já lhe esquecermos. O místico é aquele que sente a falta de D'S já o religioso beato acha que não, repete mecanicamente os ritos mas já não O procura. Sábio é quem aprende com todos, se reconhecendo ignorante reconhece sua falta de sabedoria, já a prepotência imbecil julga que a tudo já sabe, nada lhe falta, nada busca.

Outro aspecto curioso desta Parashá é o termo Bó. O verbo ir, em hebraico é lalechet que dará vá Lech, como em Gênese com Abraão, o pai dos povos, que recebe esta mensagem divina para ir daquele lugar mas ir até êle mesmo, já que lhe é dito Lech Lechá. Já em Êxodo o verbo vir Lav(b)oh aparece conjugado quando Moisés recebe a mensagem divina de Bó,

venha , mas dirigido ao Faraó. Vá a ti mesmo em Abraão e Venha ao teu próprio Faraó em Moisés.

Pessach é passar pela estreiteza da passagem yesodiana ao ser tiférico. É descobrir-se para além do narcisismo faraônico que só sente e chora quando é atingido na carne de sua carne com seu primogênito. O Amor não é magia mas é milagre como a flor que brota depois de lavrado, cuidado, e regado o solo.

O pouco com D’S é muito, o muito sem D’S é nada. Reb Nachman de Brestlav ensinou-nos que ao praguejarmos considerando o mal mais o obteremos e ao contrário ao reconhecermos o Bem mais seremos agraciados por Ele.

MEDITAÇÃO:

Entre em contato com o seu Faraó. Endureces-te teu coração durante a semana toda destes duro, te aborreceste, te machucaste, te feriste e te encolheste de medo. Exacerbe bem estas lembranças, contraia-te todo completamente, músculo por músculo. Concentre agora todo este endurecimento em teu coração, coloque uma pedra em cima dele. Contraia-o, endureça-o, enrijeça-o e o congele prendendo sua respiração.

Agora aprofunde sua respiração soltando todo o ar preso, liberte-o, sintá-o pulsar levando sangue para todo o teu corpo e deixe-o aquecer, derreta-o com suas lágrimas, deixe-se tocar pelas lembranças da natureza, pela flor, pelo pássaro, borboletas, animais, pelo sorriso da criança, pelos sons musicais, pelas belezas das artes, amor que você sente por tudo, por todos e pelas pessoas amadas, sintá o amor do Shabat.

Reconheça o endurecimento do seu próprio coração carregado de medo e deixe que o choro de tuas lágrimas degelem a couraça do seu coração, na morte do narcisismo primogênito que quer usurpar o lugar de D’S. Logo após a oração do Shemá lembramos ao povo de Israel que amarà a D’S com todo seu coração, com toda a sua alma e com toda sua intensidade, (muitissidae) “Be Col Levavchá, Be Col Nafshechá e be Col Meodera”.

Transforme a pedra em perda e deixe-a partir. Partir para a água jorrar como jorrou a Moisés quando a pediu, mas quando impacientemente, contaminado pela impaciência do povo, a bateu teve que fazer o seu luto e não entrar na Terra Prometida.